PRESENÇA DE CAMILO NA PROSA MACHADIANA

Guilherme Santos Neves

Leio isto nas "Estampas Literárias" de Josué Montelo (Org. Simões, Rio, 1956, p. 74), no capítulo sobre "Camilo e Machado de Assis": "Eugênio Gomes parece ter sido, até hoje, o único ensaísta a aproximar da obra camiliana, à luz das confrontações objetivas, a obra de Machado de Assis" (...) "À primeira vista, ninguém mais distante de Camilo Castelo Branco do que o criador de Capitu. / Diferentes no temperamento, distantes no estilo, dissociados na visão da novela e do romance, Machado e Camilo oferecem, entretanto, muitos pontos de contato, como traços comuns de curiosa afinidade".

Não conheço, infelizmente, o trabalho de Eugênio Gomes (não indicado, aliás, no estudo de Montelo). Não sei, consequentemente, quais os pontos de contato que o ilustre ensaísta balano — sem favor um dos mais autorizados conhecedores da obra de Machado — ressaltou no confronto entre os dois Mestres da língua.

Não vou aqui repetir o que Josué Montelo registrou de comum em Camilo e Machado. Apenas referirei aquilo que a mim — inveterado leitor de um e doutro — aquilo que a mim me parece tenha o autor de *D. Casmurro* haurido em Camilo e adaptado à sua linguagem ou à técnica do seu estilo.

Pode ser que me engane no registro; pode ser que outras tenham sido as fontes onde se abeberou Machado; pode ser, até, eram coincidência o que de comum ou semelhante se encontra em um e outro escritor. Mas o fato é que essa afinidade existe na obra dos dois romancistas, e muito mais extensa e vibrante do que se possa imaginar.

Vamos a uma breve comprovação.

A interpelação ao leitor

Já houve quem focalizasse (se não estou em êrro, Matoso Câmara) a constância da interpelação ao leitor nos livros de Machado de Assis. Nos seus contos e romances, nas suas crônicas e folhetins, a todo o momento o escritor intervém consultando o leitor ou leitora, conversando com êles, chamando-lhes a atenção para êsse ou aquêle ponto, êste ou aquêle pormenor da narrativa.

E' verdade que Sterne e Xavier de Maistre — dois dos conhecidos modelos literários de Machado — utilizavam essa mesma interpelação aos seus leitores. (Cfr. Eugênio Gomes, "Espelho contra Espelho", São Paulo, 1949, 42). Mas não seria mais curial e lógico buscar fonte mais próxima — no caso, Camilo?

De fato, nos livros dêste, o leitor ou leitores são chamados à conversa a tôda hora. Em quase todos (senão todos) os seus romances e novelas, Camilo participa do livro, em reiteradas interpelações aos seus leitores. Já o havia notado Monteiro Lobato, como se vê dêste tópico de uma de suas cartas a Godofredo Rangel (a de 10-7-1916), incluída na "Barca de Gleyre" (S. Paulo, 1944, p. 321), quando ressaltava a "coragem de pôr-se (Camilo) de pé dentro do livro e mostrar-se, conversar com o leitor". É mais adiante: "Há os cuidadosamente objetivos, como Flaubert, que só fazem falar aos personagens, nunca aparecem em cena, fingem que não existem."

Camilo existe, faz questão de que saibam que êle existe e que está presente em tudo quanto escreve".

Substituam neste trecho *Camilo* por *Machado*, e a verdade é a mesma.

Coração e estômago

Outro ponto de contato entre os dois grandes escritores é a freqüência com que ambos pisam e repisam no contraste entre o coração e o estômago.

Dois ou três exemplos elucidativos.

Camilo: — "Carlos comeu quase nada e sem apetite. Falavam-lhe dez anos para honrar dignamente aquelas iguarias recedentes e sentir ao mesmo tempo estar-se-lhe o coração a dilatar em competência com a víscera vizinha. Figurava-se-lhe profanação e chateza o cair da altura do seu ideal sôbre aquêles nacos de sevado!" ("A mulher fatal", Lisboa, 1923, p. 69).

Noutro romance de Camilo, "O Esqueleto" (capítulo X), pode-se ler: "Então, primo, se a jornada é longa, cumpre comer. Coração a um lado e estômago a outro. D. J. João de Marana e o amado de Clarisse comiam às horas, e o Byron ceou ôtimamente no dia ou na noite em que uma das suas mártires se afogou no canal de Veneza...".

Também em "Doze casamentos felizes" (Simões, Rio, 1954, p. 50): "— Você não pode imaginar como aquela gente vive! / — Imagino, imagino. Se forem em casa o que são na rua, o comer para êles há de ser um suplício, porque um beijo, com os lábios oleosos dos chorumes nutritivos, deve de ser medianamente saboroso! Você faz lá idéia?"

Agora, veja-se êste tópico machadiano, tirado aos "Contos esquecidos" (Rio, 1956, p. 142): "Ora, Luís Pinto jantara largamente, apesar de namorado, donde se pode concluir que amor é uma cousa, e comer é outra, e que não sendo a mesma cousa o coração e o estômago, ambos podem funcionar simultaneamente. / Não ousou dizer o estado de Madalena. De ordinário as heroínas de romance comem pouco ou não comem nada. Ninguém admite, em mulheres, ternura e arroz de forno..."

Também na poesia "Pálida Elvira" ("Poesias completas", Garnier, 1902, p. 143):

".....Neste instante
Entrou a tempo o chá... perdão, leitores,
Eu bem sei que é preceito dominante
Não misturar comidas com amores;
Mas eu não vi, nem sei se algum amor
Vive de orvalho ou pétalas de flôres;
Namorados estômago consomem,
Comem Romeus e Julietas comem..."

“Os dedos róseos da Aurora”

Raimundo Magalhães Junior — um dos mais infatigáveis pesquisadores da obra machadiana — inseriu no livro “Machado de Assis desconhecido” (Rio, 1955), interessante capítulo em que estuda “As repetições de Machado de Assis”. E à página 217, escreve: “Como as cegonhas de Chateaubriand, também o fascinou a imagem de Homero sobre o despontar do dia. No conto dialogado “O anel de Polícrates”, que está no volume “Papéis avulsos”, lá está na descrição de Xavier e de seus hábitos fantásticos de poeta: “As colchas da cama eram nuvens purpúreas, e assim também a esteira que forrava o sofá de repouso, a poltrona da secretária e a rede. Sabe quem lhe fazia o café? A Aurora, com aqueles mesmos dedos cor-de-rosa, que Homero lhe pôs”. E prossegue Magalhães Junior: “Numa das crônicas das “Balas de estalo”, que não consta dos volumes divulgados pela editora Jackson, e que saiu na “Gazeta de Notícias” de 5 de janeiro de 1885 (divulgada nas “Crônicas de Lélío”, Rio, 1958, p. 209), Machado de Assis assim figura o amanhecer de Lélío:” “Mal a Aurora, com os róseos dedos, abria a porta do Oriente, engolfei-me na pura linfa e emergi fresco como uma alface”. E ainda na mesma secção e no mesmo ano, a 31 de agosto (cfr. “Crônicas de Lélío”, p. 287), surge de novo a reminiscência de Homero, verumtamente, insistente: “Mas já então a Aurora, com os róseos dedos, irá abrindo as portas do Sol”. E continua Magalhães Junior: “Não se liberta ainda dessa vez da idéia perseguidora. Gastou-a bastante mas ainda lhe sobram uns trocados que terá de deixar numa nova crônica, e esta será a de “A Semana”, de 1º de outubro de 1893 (v. II) em que diz: “Quem acorda cedo, quando a Aurora, como na antiguidade, abre as portas do céu com os seus dedos cor-de-rosa...”

De fato — como se sabe — é velhíssima a imagem. Homero dela se utiliza, não uma nem duas, mas inúmeras vezes na sua Odisséia, referindo-se aos rosados dedos de Eos, a Aurora. (Cfr. canto 2º, início; canto 3º “Nem bem se mostrou Eos, a de rosados dedos...”; canto 4º (idem), canto 5º (idem) canto 8º (idem), canto 13º início, canto 17º início *et passim*...)

Diz Magalhães Junior que, no tempo de Machado de Assis

“as folhas (...) andavam cheias de alusões literárias e citações em línguas estrangeiras, que a ninguém causavam estranheza. Esses pedaços seletos das gazetas se destinavam a um público letrado”.

O certo, porém, é que a velha imagem de Homero, Machado a empregou empre com fina ironia, debicando por vezes do abuso com que a usavam os poetas de tôdas as idades. A prova está mais flagrante no trecho seguinte. Figura no conto “A chave” (publicado, pela primeira vez no jornal “A Estação”, Rio, a 15 e 30 de dezembro de 1879 — cfr. “Bibliografia de Machado de Assis”, J. Galante de Sousa, Rio, 1955, p. 516), reproduzido em “Contos sem data”, Rio, 1956, p. 105): “Não sei se lhes diga simplesmente que era de madrugada, ou se comece num tom mais poético: “a Aurora, com seus róseos dedos...” E adiante: “Ora, é certo que o major Caldas, se eu dissesse que era de madrugada, dar-me-ia um muxoxo ou franziria a testa com desdém — Madrugada! era de madrugada! murmuraria êle. Isto diz aí qualquer preta: nhã nhã, era de madrugada... Os jornais não dizem de outro modo, mas numa novela... Vá pois! A Aurora, com seus dedos côr de rosa, vinha rompendo as cortinas do oriente, quando Marcelina levantou a cortina da barraca. A parte da barraca olhava justamente para o oriente, de modo que não há inverossimilhança em lhes dizer que essas duas auras se contemplaram por um minuto. Um poeta arcaico chegaria a insinuar que a aurora celeste enrubescu de despeito e raiva. Seria porém levar a poesia muito longe”...

— A mesma intenção de pôr a ridículo a imagem tão surrada e gasta — vamos deparar em Camilo Castelo Branco.

Confronte-se com os tópicos machadianos o que escreveu Camilo em seu livro “Duas horas de leitura” — cuja primeira edição data de 1816: “Os dedos rosados da Aurora afastavam a cortina da noite. / Aqui principio eu por uma figura que enche as medidas dos góticos admiradores do passado. / Quem hoje quiser ser original há de recuar quatrocentos anos, exumar a linguagem fossilizada nos bacamartes, dar-lhe uma demão desta moderna argamassa, arripiá-la, afarfahá-la, e... tem um nome! Não corre tal risco o escritor que se esteia em autoridades maiores de trezentos anos. Aurora “com dedos côr de rosa” é uma imagem

contemporânea dos narizes: deixá-la ser; confesso-vos que não conheço outra mais singela, nem mais linda. Hoje diz-se doutro modo a coisa; mas não se entende! São falsas as côres e hiperbólicas as imagens. Eu penso que encontrei a razão disto (...) “E’ que os poetas, que vos dão em cada estio uma edição nova do nascimento da Aurora, erguem-se regularmente ao meio-dia, e fazem tanta idéia da Aurora como eu de uma tromba marinha. Os que a podiam ver, à saída dum baile, põem a cabeça fora da vidraça, e o que tratam é de dar largas a um calo, que polcou entalado em verniz. Dêsses, a maior parte são jornalistas, e o que fazem é beliscar a imaginação cansada, exportando-lhe duas idéias para uma notícia local, que deve ser lida pelo ansioso dono da casa... (...) “Enquanto à Aurora, essa pode nascer e morrer onde quiser, que o poeta tanto se lhe dá que os seus dedos sejam de rosa como de açafrão”...

Leitor constante da obra camiliana, é possível que Machado de Assis tenha aprendido, com o sarcástico solitário de São Miguel de Seide, a torcer e retorcer, no cadinho de sua ironia, “os dedos róseos da Aurora”, e outras tantas imagens gastas, tôdas elas “contemporâneas dos narizes”...

Capítulo dos narizes

E por falar em narizes...

Uma das insistências ou repetições de Machado de Assis — espécie de obsessão — é a que se prende precisamente ao nariz. Há narizes demais na obra machadiana, capazes de compor, se se quisesse, um especial *Capítulo dos narizes*, à feição do “Capítulo dos Chapéus”, a que êle freqüentemente se referia.

Confrontemos aqui, com dois ou três exemplos apenas, a identidade de interpretação do apêndice nasal, quer em Machado quer em Camilo.

“O nariz é a feição mais característica dêste homem” — diz êste em “O que fazem mulheres” (Lisboa, 1946, p. 152). E prossegue: “Na base tem um promontório, no centro uma protuberância, na ponta uma recurva como o bico de um pássaro. Chamam-se êstes narizes *Bourbons!* Agora conheceram-no tôdas,

Na escola dos fisionomistas, êste nariz tem significações espantosas. E’ um nariz que individualiza um homem; é um livro aberto; é o porta-voz do segerdos da alma; é, e msuma, uma biografia”...

Ainda Camilo, desta feita no livro “Anos de prosa” (Lisboa, 1920, p. 172): “Êste nariz há de ser litografado e distribuído aos assinantes, concluído o romance. O nariz é o homem. Quem o vir organiza o complexo de Manuel Pereira, como Cuvier recompunha o réptil iguanodo e o megatério”...

Agora Machado. Nos “Contos esquecidos” (Rio, 1956, p. 91): “Era êle um homem de 45 anos, um tanto calvo, bem apesoadado, nariz não vulgar se atendermos no tamanho, mas vulgaríssimo se lhe estudarmos a expressão. O nariz é um livro, até hoje pouco estudado pelos romancistas, que aliás se presumem grandes analistas da pessoa humana. Eu, quando vejo alguém pela primeira vez, não lhe estudo a bôca nem os olhos, nem as mãos; estudo-lhe o nariz. Mostra-me o nariz, e eu direi quem és”...

Complemento moral e complemento físico

Há certas coincidências em giros de frases na obra dos dois Mestres da língua. Meras coincidências, ou restos da experiência ou da arte de “pensar o pensado” a que se refere Machado em sua “Teoria do Medalhão”?

Vejamos.

Camilo, por vêzes, surpreende o leitor em frases simples e comuns, atribuindo ao verbo (quase sempre ao verbo) uma complementação binária, um de cujos elementos é de ordem figurada ou metafórica e que constitui verdadeira surpresa para o leitor. Exemplifiquemos o caso: No livro “A Corja” (Pôrto, 1943, p. 53), lê-se isto: “O cônego (...) muito lavada e barbeado (...) côres sadias, talvez resultantes da honestidade — e do iodureto...” Na “Brasileira de Prazins” (Pôrto, 1943, p. 103): “Veríssimo Borges recolheu a Alvações de Corgo, onde encontrou o pai num grande abatimento de tristeza — e de recursos”. E adiante (p. 204): “... as mulheres amesendadas nos adros das igrejas e nos soalheiros, catando as próprias pulgas — e as vidas alheias... Outros exemplos do mesmo processo — que Camilo não criou,

liga-se de passagem: Em "Coração, cabeça e estômago" (Lisboa, 1907, p. 100): "Os auditores do infausto moço levavam-no depois à cama, onde êle digeriria o seu vinho — e a sua *angústia suprema*". Também em "A mulher fatal" (Lisboa, 1923, p. 57): "... Carlos descobriu-se, deu alguns passos, e balbuciou, gago de amor — e de susto..." E adiante (p. 147): "Mas o negociante, carregado de anos — e de *contas de modistas*...". Também em "Duas horas de leitura" (Lisboa, 1903, 120): "Andou perto — respondeu êle, enchendo as bochechas de ofulho — e de *flambre*..."

No seguinte exemplo, Camilo enfeixa duas formas adjetivas, integrando-as pelo mesmo processo: "Os filhos dêstes anciãos, que há vinte anos eram rapazes alegres, estouvados, temíveis, devorantes de ostras — e *mulheres*, devorados de absinto — e de *credores*..." ("Quatro horas inocentes", Lisboa, 1904, p. 174).

Esse mesmo interessante jôgo do verbo (ou formas transitivas equivalentes), tão comum em Camilo, também podemos encontrar em Mestre Machado de Assis.

Tomemos quatro exemplos apenas: Nos "Contos sem data" (Rio, 1956, p. 120) pode-se ler êste tópico: "... tomado o café, pediu ao major uns cinco minutos de atenção. Caldas um pouco vermelho de comoção — e de *champanhe*, declarou-lhe que até lhe daria cinco mil minutos, se tantos fôsem precisos". Pouco antes, no conto "Sales", do mesmo livro (p. 104), frase do mesmo tipo: "Assim correram os primeiros seis anos de casamento. Começando o sétimo, foi o nosso amigo acometido de uma lesão cardíaca — e de *uma idéia*"...

Mais outro exemplo: "Tu, minha Eugênia (a moça côxa de "Memórias póstumas de Braz Cubas", capítulo XXXV), tu é que não as descalçaste nunca: fôste aí pela estrada da vida, manquejando da perna — e do amor..."

Um último exemplo — aliás o mais conhecido talvez das mesmas "Memórias póstumas" (capítulo XVII): "Marcela amou-me durante quinze meses — e *onze contos de réis*..."

Conforme acentuamos, êsse curioso processo de desdobramento complementar, não o criou Camilo. E' recurso velho e velho, podendo-se localizar entre os clássicos latinos, segundo nos adverte Ernesto Guerra da Cal, que, em seu excelente livro "Len-

gua y estilo de Eça de Queiroz" (Actas Universitatis Conimbrensis", Coimbra, 1954), a êle dedica interessantes e informativas páginas (204 a 208).

Carreio para aqui — a fim de ilustrar apenas — os seguintes tópicos e exemplos, que nos dá o citado autor: "Con verbos de significado más activo, de movimiento físico, la concordancia real de éstos es solamente con el complemento de carácter concreto. Pero la presencia del objeto de índole moral obliga al verbo a desdoblarse en un sentido figurado para poder ligarse significativamente con él. Este desdoblamiento semántico es frecuentemente de una gran audacia y no sería aceptable sin la presencia del elemento material que facilita y sanciona logicamente esa súbita metaforización del sentido del verbo". Seguem-se exemplos tirados à prosa de Eça de Queiroz: "... e não mais as verei, certas mangas de sêda preta agitem-se com um "frou-frou" lascivo, a *passar-me a mostarda e a paixão*..." (Cor. 30). "Eu eu, sorrindo enrolando o cigarro, pensava nesse outro embrulho de rendas e laços *cheirando a violeta e a amor*..." (Rel., 140). "... uma madrugada êles se sentem esfalfados de tanto berro e tanto encontrão, e recolhem a casa para *mudar de roupa e de entusiasmo*" (CFB, 214).

Mais adiante (p. 206), outro exemplo, tirado a "Os Maias": "Lá ao fundo, junto aos degraus do tablado, ia um tumulto de abraços, de cumprimentos, em tórno de Rufino, que *reluzia todo de orgulho e suor*".

Como se vê, o processo é o mesmo de que utilizaram Camilo, Machado e Eça. E não só êles. Guerra da Cal — que cita o exemplo machadiano ("Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis") embora alegue ser o processo de "caráter ocasional" em Machado — Guerra da Cal, em nota de rodapé à página 205, acrescenta, com relação a Eça: "En su origen quizás proceda de la influencia de los clásicos latinos (v. gr. Tácito) en los que es bastante frecuente. Sin embargo, nos inclinamos a creer la influencia más fuerte le venga de su lectura, de Cervantes, con el que tiene una afinidad esencial de temperamento y de visión dual (realidad-ideal). Hatzfeld (Op. cit. págs. 53-62, ver Bibliografía apensa ao libro) ha estudiado sagazmente esta manifestación psico-estilística en el *Quijote*, bajo la rúbri-

ca "Congruencia de lo incongruente" tomada de Dibelius. Estas formulas responden de un lado al mecanismo del conceptismo español, y de otro al del humorismo inglés". E conclui: "El fenómeno en Eça supera, con mucho, en cantidad y en atrevimiento al cervantino".

E' interessante notar-se que êsse recurso — no que diz respeito pelo menos ao espanhol e ao português, foi preferentemente utilizado por escritores de evidente cunho satírico e humorístico: Cervantes, Camilo, Eça e Machado de Assis.

Vamos — e já não é sem tempo — ao confronto final.

As dúvidas de Dom Casmurro

Todos conhecem "Dom Casmurro", o "romance perfeito", onde Machado esculpe, com o seu hábil e seguro cinzel psicológico, a figura de *Capitu*, a dos "olhos de ressaca". Com perícia de mestre, o autor deixa, afinal, no leitor interessado, certa dúvida quanto à infidelidade da mulher de Bento Santiago.

Aliás, a respeito dessa infidelidade, o ensaísta Eugênio Gomes, em seu livro "Machado de Assis" (Liv. São José, Rio, 1958, p. 161), conta-nos o seguinte episódio: "Em certa ocasião, o professor norte-americano William Grossman, que traduziu tão bem as "Memórias Póstumas de Brás Cubas", escreveu-me de Nova York, para dirimir curiosa dúvida, suscitada em discussão com um editor local, a propósito da infidelidade da mulher de Bentinho... (O endiabrada *Capitu*, que deste o que falar de ti até na mais movimentada e estonteante cidade do mundo moderno!) Respondi-lhe, sem esperança de extinguir a controvérsia uma vez por tôdas, informando-o da existência de um estudo brasileiro, em que se explica cientificamente o caso, não deixando, porém, de lembrar que a dúvida em causa era o tributo inevitável que os leitores deviam pagar à arte do nosso grande escritor". Em período anterior, à mesma página, o crítico baiano já pusera dúvida quanto à "certeza da prevaricação de *Capitu*".

Mas, vamos ao romance.

A semelhança física entre o filho Ezequiel e o amigo Escobar, que morrera afogado na praia do Flamengo, é o ponto em que co-

mecem as suspeitas de Dom Casmurro: "Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa" (...) "Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo, para sentar comigo à mesa, receber-me na escada, ou pedir-me à noite a bênção do costume"... (Cap. CXXXII).

Ora, há um tópico num dos livros de Camilo, que bem poderia ter sido o germen dêsse drama de Dom Casmurro. Em "O esqueleto" (Cap. XXIV), há também dúvidas iguais e dolorosas: "E então, comovia a lágrimas vê-lo chorar a êle com saudades do filho; mas nem a consolação amarga dêstes prantos lhe era concedida! Sobressaltava-o a dúvida de ser êle o pai daquela criança. Calculava épocas, via atentamente a data gravada na manilha de ouro que encontrara na caixa da ama; agora, inferia daquela data provas concludentes da legitimidade do filho de Beatriz..."

O mesmo divagar torturante em Bentinho: "Pelo dia adiante, e nos outros dias, Ezequiel ia ter comigo ao gabinete, e as feições do pequeno davam idéia clara do outro, ou eu ia atentando mais nelas. De envolta, lembravam-me episódios vagos e remotos, palavras, encontros e incidentes, tudo em que a minha cegueira não pôs malícia, e a que faltou o meu velho ciúme" (Cap. CXL).

Ressalte-se que "O esqueleto" foi lançado aí por volta de 1884, e a primeira edição de "Dom Casmurro" é de dezembro de 1899. Ressalte-se mais: que, segundo depoimento de Alberto de Oliveira ao Professor A. Pinto, transcrito no proêmio da edição brasileira de "A queda dum anjo" (Organ. Simões, Rio, 1953), Machado lera êsse romance de Camilo e o "punha em lugar de honra".

Esse e outros livros de Camilo deve ter lido Machado de Assis, que (é Montelo que acrescenta (op. cit. p. 79) por êles "transitou a sua curiosidade e a sua meditação".

— : —

Repito o que aleguei no início desta despretensiosa palestra a respeito da presença de Camilo na prosa machadiana: Pode ser que me engane no registro; pode ser que outras tenham sido as

fontes onde se abeberou Machado; pode ser, até, mera coincidência o que de comum ou semelhante se encontra em um e outro escritor. Mas devem-se levar em linha de conta essas coincidências.

Valdemar Cavalcanti acentuou, certa vez, o perigo dêsses paralelos ("O Jornal", edição de 11-5-1958): "Sabe-se — dizia êle — sabe-se muito bem, afinal de contas, que as aparências iludem muito — nas letras como na vida. O que à primeira vista pode parecer decalque, imitação ou servil ressonância, em vários casos é apenas uma coincidência de maneiras de sentir ou de exprimir uma coisa ou uma emoção. Muitas vêzes o fenômeno decorre de uma natural confluência de idéias ou de temperamentos".

Sem dúvida nenhuma.

De qualquer maneira, porém, aí ficam, para os ouvintes interessados, algumas dessas coincidências ou afinidades, que pacientemente respiguei na obra literária dêsses dois admiráveis Mestre da língua e do estilo: Camilo e Machado de Assis.

Guilherme Santos Neves

(Fevereiro-março, 1960).